



Luciana Fernandes Silva

**Vitimação e Bem-Estar Subjetivo: O Papel Moderador da
Construção de Significado**

**Trabalho realizado sob a orientação
de Prof.^a Dr.^a Carla Antunes
Coorientação de Prof.^a Dr.^a Célia Ferreira**

Fevereiro de 2023



Luciana Fernandes Silva

**Vitimação e Bem-Estar Subjetivo: O Papel Moderador
da Construção de Significado**

**Dissertação de Mestrado em Psicologia da Justiça:
Vítimas de crime**

**Dissertação defendida em provas públicas na
Universidade Lusófona do Porto do dia 03/02/2023,
perante o júri seguinte:**

**Presidente: Prof^a Doutora Olga Cecília Soares da
Cunha (Prof. Auxiliar da Universidade Lusófona do
Porto)**

**Arguente: Prof. Doutor Ricardo José Martins Pinto
(Prof. Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto)**

**Orientadora: Prof.^a Doutora Carla Margarida Vieira
Antunes (Prof. Auxiliar da Universidade Lusófona do
Porto)**

Fevereiro de 2023

É autorizada a reprodução integral desta dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Agradecimentos

À Deus por nunca ter me abandonado, colocando sempre a mão na minha cabeça e me guiando, mesmo nos piores momentos da minha vida.

Às minhas professoras e orientadoras, Dr.^a Carla Antunes e Dr.^a Célia Ferreira, meu agradecimento é profundo por toda a paciência, motivação, partilha de conhecimentos, mas especialmente por não terem soltado a minha mão nos momentos de angústia, ansiedade e tensão. Além de terem sido uma fonte de sinónimos, conectores e palavras portuguesas. Obrigada por serem o exemplo de profissional que quero ser.

À minha mãe, Maria de Lourdes, pelo amor incondicional, por ter salvado a minha vida, por acreditar em mim infinitas vezes, mesmo quando eu mesma não acredito e cometo erros, por ter assumido financeiramente esse sonho desde o início estando sempre firme e forte e para o que der e vier fazendo o impossível para eu chegar a esse momento. À toda minha família, especificamente a todas as mulheres, por serem exemplos de luta e de resistência.

Ao meu marido, Nuno, por ter sido fonte de amor, suporte emocional e financeiro, apoio e motivação nas horas de choro, angústia e tristeza assim como também de palavras portuguesas. Por ter pego o barco andando e acreditado na continuidade e concretização desse sonho.

Aos meus sogros, Rosa e Serafim, por toda a compreensão e apoio de sempre.

Ao meu amigo e irmão João Marcelo por estar sempre presente, seja com palavras de motivação, seja só para ouvir minhas lamúrias ou rir comigo. Obrigada por todo o amor, amizade e apoio.

Às minhas amigas, Denia Mércia e Ana Manarte, por serem companheiras de luta desde o início e por todo amor dispensado a mim, à Elisa Ayres por todo o apoio, amor, amizade, ouvidos, ombros e conselhos sempre desde o início do mestrado e não só em relação a este, mas também na vida, à Cristiana Cunha, pelas trocas de conhecimento e angústia, por ter sido minha fonte de apoio incondicional, ombro e abrigo nos melhores e piores momentos desta reta final, à Mariana Pinho por todas as trocas, carinho e apoio não só nos momentos de *stress* e incertezas, mas também de alegrias.

Às minhas amigas, Patrícia Pinheiro, Blenda Isabel, Yanina Lepore, Julieta Rojas pela motivação, apoio e por sempre acreditarem em mim.

À Lúcia Macedo, minha orientadora de estágio, pelo apoio, palavras de motivação, empatia e compreensão nessa etapa final e por ser exemplo de profissional que quero ser.

Vitimação e Bem-Estar Subjetivo: O Papel Moderador da Construção de significado

Resumo

A investigação sobre o impacto da vitimação juvenil na saúde mental tem-se focado, essencialmente, na dimensão psicopatológica e menos na dimensão de funcionamento positivo. Assumindo uma conceitualização multidimensional da saúde mental, é fundamental investir, também, no estudo do impacto da vitimação no funcionamento positivo, mais especificamente no bem-estar subjetivo. Adicionalmente, a literatura aponta para a necessidade de uma abordagem mais compreensiva do impacto destas experiências no sentido de esclarecer o papel de alguns fatores que podem influenciar a relação entre vitimação e bem-estar, sendo um destes fatores a construção de significado. Nesta sequência, o presente estudo procurou analisar o papel moderador dos recursos de construção de significado na relação entre a vitimação na infância e adolescência e o bem-estar subjetivo na idade adulta. A amostra constituiu-se por 206 participantes (78.6 % do sexo feminino), com idades compreendidas entre os 18 e os 63 anos ($M=28.9$, $DP=10.26$). Os dados foram recolhidos *online*, através da aplicação de um questionário sociodemográfico, e versões adaptadas do Questionário de Vitimação Juvenil, do Questionário de Bem-estar Subjetivo e do Questionário de Construção de Significado (auto-orientado). Os resultados revelaram que a maior exposição a vitimação estava associada a níveis inferiores de bem-estar subjetivo. Além disso, confirmou-se o efeito moderador da construção de significado numa subamostra de polívitimas na relação entre a vitimação e o bem-estar subjetivo. Mais especificamente, constatou-se que as polívitimas apresentam níveis superiores de bem-estar subjetivo, na presença de mais recursos para a construção de significado. Os resultados deste estudo ressaltam a importância da inclusão do bem-estar no domínio da investigação para uma compreensão mais holística do funcionamento positivo do indivíduo, após a experiência de vitimação, salientando, também, a necessidade de a construção de significado ser uma dimensão a considerar na intervenção psicológica.

Palavras-chave: Vitimação; Bem-Estar Subjetivo; Construção de Significado

Victimization and Subjective Well-Being: The Moderating Role of Meaning Making

Abstract

Research on the impact of youth victimization on mental health has focused essentially on the psychopathological dimension and less on the positive functioning dimension. Assuming a multidimensional conceptualization of mental health, it is also essential to invest in the study of the impact of victimization on positive functioning, more specifically on subjective well-being. Additionally, the literature points to the need for a more comprehensive approach to the impact of these experiences in order to clarify the role of some factors that can influence the relationship between victimization and well-being, one of these factors being the construction of meaning. In this sequence, the present study sought to analyze the moderating role of meaning-making resources in the relationship between childhood and adolescence victimization and subjective well-being in adulthood. The sample consisted of 206 participants (78.6% female), aged between 18 and 63 years ($M=28.9$, $SD=10.26$). Data were collected online, through the application of a sociodemographic questionnaire, and adapted versions of the Youth Victimization Questionnaire, the Subjective Well-being Questionnaire and the Meaning Construction Questionnaire (self-oriented). Results revealed that greater exposure to victimization was associated with lower levels of subjective well-being. In addition, the moderating effect of the construction of meaning construction was confirmed in a subsample of polyvictims in the relationship between victimization and subjective well-being. More specifically, it was found that polyvictims have higher levels of subjective well-being, in the presence of more resources for the construction of meaning. The results of this study highlight the importance of including well-being in the research field for a more holistic understanding of the positive functioning of the individual, after the victimization experience, also emphasizing the need for the construction of meaning to be a dimension to consider in psychological intervention.

Key Words: victimization; well-being subjective, meaning making

Índice

Resumo	iii
Lista de figuras.....	vi
Lista de tabelas.....	vii
Lista de gráficos	viii
Enquadramento concetual.....	9
Vitimação: Concetualização, Tipologias e Impacto	9
O papel da Construção de Significado no Impacto da Vitimação	12
Problemas de investigação, objetivos e hipóteses do estudo	14
Método.....	15
Participantes	15
Instrumentos	16
Procedimentos	17
Resultados	18
Medidas descritivas das variáveis em estudo	18
Vitimação e Bem-estar subjetivo	19
Vitimação, Construção de significado e Bem-estar subjetivo: Teste de moderação	19
Discussão	21
Referências	25

Lista de figuras

Figura 1 Esquema concetual do modelo de moderação para a associação das variáveis em estudo	15
--	----

Lista de tabelas

Tabela 1 Caracterização Sociodemográfica da Amostra.....	16
Tabela 2 Medidas descritivas das variáveis em estudo: Vitimação, Construção de Significado e Bem-Estar Subjetivo.....	19
Tabela 3 Vitimação, BES e Construção de significado: Testes de moderação- Amostra Geral; N= 206... ..	19
Tabela 4 Vitimação, BES e Construção de significado: Testes de moderação- subamostras Polivitimação; N=98... ..	20

Lista de gráficos

Gráfico 1 Efeito Moderador da Construção de significado- Vitimação e Bem-estar subjetivo	20
---	----

Enquadramento concetual

Vitimação: Concetualização, Tipologias e Impacto

A violência é definida pela Organização Mundial da saúde (OMS) “como o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação” (Dahlberg & Krug, 2006). O conceito de violência abrange atos violentos que tenham em sua gênese uma relação de poder e intencionalidade, nomeadamente ameaças, intimidação, negligência, abuso físico, sexual, psicológico, violência física e suicídio. Estes tipos de violência experienciados no início da vida podem desencadear um impacto duradouro na saúde mental com danos significativos (Hu, 2019; Dahlberg & Krug, 2006)

A violência na infância/adolescência é um fenómeno expressivo e transversal ao nível internacional e nacional. Globalmente, por ano, uma em cada duas crianças/adolescentes com idades compreendidas entre 2-17 anos, experiencia alguma forma de violência (Hillis et al., 2016). Em Portugal, o Relatório Anual de Segurança Interna (RA SI), relativo ao ano de 2021, revelou que, neste mesmo ano, foram comunicadas 45 132 categorias de situações de perigo, sendo a exposição a violência doméstica e a negligência as categorias mais registadas pelas Comissões de Promoção e Proteção de Crianças e Jovens portuguesas, em todas as faixas etárias. Entretanto, aliada a violência física, a exposição à violência doméstica representa 97% do total destas comunicações (Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens, 2021). Importa, ainda, referir que, de acordo com este relatório, 53.1 % dos abusos sexuais contra crianças (entre 8-13 anos) prevalecem em contexto da relação familiar.

A investigação neste domínio evidencia que a experiência de violência na infância e adolescência é frequente e pode ocorrer em diferentes contextos, sendo que os atos de violência podem ser perpetrados por diferentes pessoas (Finkelhor et al., 2011; Finkelhor et al., 2007). Ainda que a investigação disponível neste domínio se tenha focado em formas únicas de vitimação (Finkelhor et al., 2011), estudos mais recentes têm sugerido que os jovens que são expostos a uma experiência de vitimação evidenciam maior probabilidade de serem vítimas de outros tipos de violência. Na maioria das vezes, as experiências de vitimação na infância e adolescência não ocorrem de forma isolada, mas sim de forma cumulativa (Finkelhor et al., 2011). Turner e colaboradores (2006), denominaram polivitimação ao conjunto de múltiplas vitimações a que os jovens são

expostos (e.g., abuso sexual, físico, *bullying*, exposição a violência familiar). Os estudos realizados neste domínio têm vindo, ainda, a salientar a associação entre a polivitimação e a vivência em contextos familiares caracterizados por múltiplas dificuldades (e.g., relações caracterizadas pelo conflito, problemas económicos, dependências, problemas de saúde mental) (Finkelhor, 2009). Mais ainda, a polivitimação tem-se mostrado uma forte preditora de desajustamento psicológico, sendo considerada de maior risco comparativamente às experiências de vitimação de carácter único (Finkelhor, 2009).

Nas últimas décadas, os estudos relacionados com o impacto da violência na infância e adolescência demonstram que estas experiências podem contribuir significativamente para o desenvolvimento de sintomatologia psicopatológica (e.g., depressão, ansiedade, raiva e comportamento agressivo), independentemente da sua frequência ou experiência cumulativa, ainda que esta última tenda a resultar num impacto mais agravado (Turner et al., 2006). Adicionalmente, de modo consensual, a investigação evidencia que, ainda que este não seja um resultado inevitável, o impacto da vitimação e polivitimação juvenil pode persistir até a vida adulta e, inclusivamente, à terceira idade (Hu, 2019; Dahlberg & Krug, 2006). De acordo com as evidências empíricas neste domínio, os adultos polivitimados na infância/adolescência apresentaram menor bem-estar, declínio no bem-estar subjetivo e na saúde mental à medida que a polivitimação avançou (Mitchell et al., 2020). Mais especificamente, dados da investigação demonstram que as perturbações de ansiedade, depressão, *stress* pós-traumático, bem como comportamentos suicidas, desviantes e abuso de álcool, são mais comuns e tendem a agravar-se mais ao longo do tempo entre os adultos que experienciaram um tipo de vitimação e polivitimação na infância/adolescência (Cater et al., 2014; Haahr-Pedersen, 2020). No entanto, importa salientar que esta relação não é linear e que, mesmo face a adversidades mais extremas, muitos jovens desenvolvem uma trajetória adaptativa, encontrando caminhos para o bem-estar (Hamby et al., 2018).

A inclusão do estudo científico do bem-estar, na década de 60, no cenário da psicologia positiva, após intensa dedicação científica à doença mental, possibilitou uma mudança de paradigma orientada para a prevenção, permitindo identificar os recursos, tanto individuais, como sociais, dos indivíduos que auxiliam na gestão de acontecimentos *stressantes* (Seligman & Csikszentmihalyi, 2014).

O bem-estar, como um constructo complexo, remete para o funcionamento ótimo dos indivíduos e pode ser definido a partir de duas diferentes perspetivas teóricas, nomeadamente, a hedónica e a eudaimónica (Ryan & Deci, 2001). Por um lado, a

perspetiva hedónica, uma das mais estudadas e avaliadas, é a que remete para o bem-estar subjetivo, que abrange três componentes, nomeadamente, a satisfação com a vida, a presença de humor positivo (afeto positivo) e ausência de humor negativo (afeto negativo), mas também pode ser globalmente resumida e definida como felicidade (Ryan & Deci, 2001). Por outro lado, a perspetiva eudaimónica, representada pelo bem-estar psicológico (Ryan & Deci, 2001), é definida de forma mais ampla pelo funcionamento pleno, desenvolvimento, florescimento e esforço do indivíduo para a realização do verdadeiro potencial humano e compreende, ainda, aspetos como a autonomia, crescimento pessoal, autoaceitação, vida e propósito, relacionamento positivo (Ryff, 1995; Ryan & Deci, 2001).

A definição de saúde mental proposta pela OMS (WHO, 2001, 2022), como um construto multidimensional, é parte integrante da saúde e do bem-estar sendo mais do que a ausência de psicopatologia. Nesta ótica, centralizar os estudos somente na ‘doença’ é demasiado restrito, sendo fundamental a realização de estudos que se foquem, também, nas dimensões de saúde, especificamente, de bem-estar (Howell et al., 2016).

Apesar disso, o investimento científico tem-se focado, essencialmente, no estudo da psicopatologia em detrimento do estudo de dimensões positivas de funcionamento (Ferreira et al., 2020). Efetivamente, a investigação disponível, ainda que mais escassa, aponta que níveis superiores de vitimação estão associados a níveis inferiores de bem-estar (Ferreira et al., 2020). Neste âmbito, a literatura tem destacado a vitimação e múltiplas vitimações por *bullying*, vitimação por pares, *cyberbullying* (Andreou et al., 2020; VÍllora et al., 2021). No que se refere ao *bullying*, os resultados de estudos recentes apontaram que os diferentes níveis de bem-estar relatados podem ser diferenciados de acordo ao grau de severidade da vitimação experienciada (Andreou et al., 2020). Ou seja, estudantes gravemente intimidados apresentaram menor bem-estar subjetivo do que os estudantes moderadamente intimidados. De forma semelhante, resultados de outros estudos mostraram que múltiplas vitimações por *bullying* relataram piores níveis de saúde mental e de bem-estar subjetivo (VÍllora et al., 2021). Relativamente à polivitimação, Mitchell e colaboradores (2020) relataram um declínio linear no bem-estar subjetivo das vítimas. Estes autores indicaram que a polivitimação ocorrida ao longo das várias fases de desenvolvimento infantil acarreta níveis mais baixos de bem-estar em adolescentes e adultos.

Não obstante a relação documentada entre experiências de vitimação e impacto na saúde mental (quer ao nível da sintomatologia, quer ao nível do BE, embora com menos

evidências), alguns autores sugerem a necessidade de se considerar e estudar o papel de outras variáveis/construtos que parecem interferir neste processo, nomeadamente como fatores protetores (Grych, et al., 2015). Entre as variáveis referenciadas, neste estudo, merece particular destaque a construção de significado.

O papel da Construção de Significado no impacto da vitimação

Uma característica poderosa do ser humano é a capacidade de avaliar e significar as próprias experiências (Grych et al., 2020; Lazarus & Folkman, 1984). Uma definição aproximada sugere que o significado é uma representação mental que conecta possíveis relações entre coisas, eventos e relacionamentos (Baumsteir, 1991). No entanto, atribuir significado parece ter maior relevância no que concerne ao confronto com experiências de vida altamente *stressantes* (Park, 2010). Neste sentido, a investigação científica demonstra um notável crescimento no estudo da construção de significado que é, globalmente, definida como uma restauração de significado aplicada à vivência de experiências potencialmente traumáticas de vida (Park, 2013).

Desde a década de 80, época de ascensão no estudo empírico sobre o significado, um corpo de perspectivas teóricas acumulou-se servindo de base para a organização e elaboração do modelo de Construção de significado (Park, 2013). Nesta sequência, Park (2010) propõe um modelo teórico integrador a partir das evidências neste domínio e concetualiza o ajustamento aos eventos traumáticos através da forma como os indivíduos atingem a reavaliação e ressignificação destes eventos.

Assim, o modelo de construção de significado possui como ponto de partida dois tipos de significados: o global e o situacional. Por um lado, o global, é o significado que nos orienta por meio de crenças, objetivos e sentido subjetivo de significado. O significado global está relacionado com o sentido de justiça, controlo, previsibilidade e coerência dos indivíduos (Janoff-Bulman 1989; Park, 2013). Adicionalmente, os objetivos/metast associam-se à realização de desejos relacionados com relacionamentos, trabalho, religião, conhecimento, realização, riqueza ou a manutenção do que já foi alcançado (Emmons, 2003; Park & AI, 2006; Park, 2010). Por sua vez, o sentido subjetivo de significado refere-se ao indivíduo experienciar a plenitude de um significado, ou seja, um sentimento de um propósito ou uma direção a seguir (Emmons, 2003; Park & AI, 2006; Park, 2010). É através do significado global que o indivíduo compreende a si mesmo e o mundo que o rodeia, sendo a sua reestruturação e aprimoramento um dos objetivos principais quando a

vitimação acontece (Park, 2013). De um modo geral, este influencia e orienta os indivíduos nos pensamentos, ações e emoções (Park, 2010).

Por outro lado, o significado situacional é o processo de avaliação e, consequente significação de um evento potencialmente traumático (Littleton et al., 2007; Park, 2010; Park et al., 2012). Em face disso, o indivíduo vai analisar o grau de ameaça, fazer atribuições e autoatribuições, analisar a perda, a controlabilidade e as implicações daquele evento *stressor* (Littleton et al., 2007; Park, 2010; Park et al., 2012). Pode dizer-se que a avaliação é a tentativa de o indivíduo perceber o ‘porquê’ daquele evento *stressor* ter ocorrido (já que acredita que o evento é improvável de acontecer consigo), mas também como o evento pode ter um significado de maneira benigna ou positiva (Park, 2010). Caso estes esforços não resultem positivamente, o evento *stressante* ocorrido quebra o significado global, que dá sentido e orientação ao indivíduo, dando origem às discrepâncias e a angústia originadas por estas (Park, 2010).

Neste processo, o indivíduo vai reavaliar o evento mediante determinados esforços cognitivos, de forma gradual, ou modificar os esquemas existentes (Lepore & Greenberg, 2002; Park et al, 2012). Sendo assim, os processos de construção de significado implicam reduzir essa discrepância para que o evento *stressor* seja mais bem integrado. Seja mediante avaliação automática/deliberada ou assimilação e acomodação, a integração deste evento só será bem-sucedida quando o indivíduo reavalia positivamente a situação (Park, 2010; Fitzke et al, 2021). Finalmente, o processamento cognitivo e emocional envolve realizar reavaliações e comparações repetidas entre a experiência vivida e as crenças existentes com uma reflexão cuidadosa no qual inclui a consciência das emoções que um evento evoca e o efeito que este pode ter no futuro (Bower et al., 1998 citado em Park, 2010). Entretanto, se não houver discrepâncias, o ajustamento do indivíduo será bem-sucedido.

Como consequência dos processos mencionados, o significado pode resultar em: (a) sensação de ter feito sentido; (b) aceitação; (c) mudança de identidade; (d) reatribuições/compreensão causal; (g) percepções de crescimento e mudanças positivas na vida; (f) significado reavaliado do *stressor*; (g) crenças e objetivos globais alterados; (h) sensação de sentido restaurado/alterado de significado na vida (Park, 2010). Importa salientar que, nestes processos de construção de significado, os indivíduos que possuem uma visão clara e ampla relativamente aos seus valores, ao propósito e ao sentido de vida, às crenças e aos objetivos podem ressignificar ou integrar o evento traumático de forma

mais facilitada (Grych et al., 2015), reduzindo os sentimentos de vulnerabilidade ou cessando as ruminações contínuas da situação traumática (Updegraff et al., 2008).

Os estudos sobre o papel da construção de significado, ainda que escassos, salientaram que, apesar das experiências traumáticas vividas e de vitimação estarem associadas a resultados de desajustamento e desadaptação, os processos de construção de significado e a reavaliação positiva da experiência, mostram-se relevantes, possíveis e com efeitos a longo prazo (Fitzke et al., 2021). Durante quase duas décadas de estudos, os investigadores concluíram que os processos de construção de significado influenciam e auxiliam os indivíduos no ajustamento após a experiência de trauma (e.g, agressão física, abuso sexual e múltiplas experiências de vitimação) (Fitzke et al., 2021). Uma vez que os indivíduos conseguem ressignificar estas experiências, atingem o ajustamento pós-trauma, o bem-estar é reforçado e o sofrimento atenuado (Fitzke et al., 2021), favorecendo resultados de crescimento e maior satisfação com a vida (Tedeschi & Calhoun, 1996; Zeligman, et al., 2019).

Problemas de investigação, objetivos e hipóteses do estudo

A investigação sobre o impacto da vitimação juvenil tem produzido um corpo de conhecimentos consistente, evidenciando consensualidade relativamente ao risco de desenvolvimento de psicopatologia na sequência destas experiências. Não obstante, o investimento científico tem-se focado, essencialmente, no impacto da dimensão psicopatológica e menos na dimensão de funcionamento positivo. Howell e colaboradores (2016), argumentam que há razões para investir em estudos que incluam a análise do bem-estar porque podem trazer benefícios duradouros e profundos para os indivíduos, sociedade e comunidade no geral. Mais especificamente, os autores argumentam que o bem-estar é um motivador natural (Lyubomirsky, et al., 2005); está associado positivamente à saúde física e a longevidade (Hill & Turiano, 2014); beneficia a economia (Howell et al., 2016); promove relacionamentos positivos (Lyubomirsky et al., 2005) e pode ser promovido de formas relativamente fáceis e económicas (Lyubomirsky & Layous, 2013). Nesta sequência e tomando em consideração o carácter multidimensional da saúde mental, é relevante investir na produção de conhecimento científico sobre o impacto da vitimação no funcionamento positivo, mais especificamente no bem-estar subjetivo, no sentido de uma abordagem mais compreensiva e holística das consequências deste tipo de experiências.

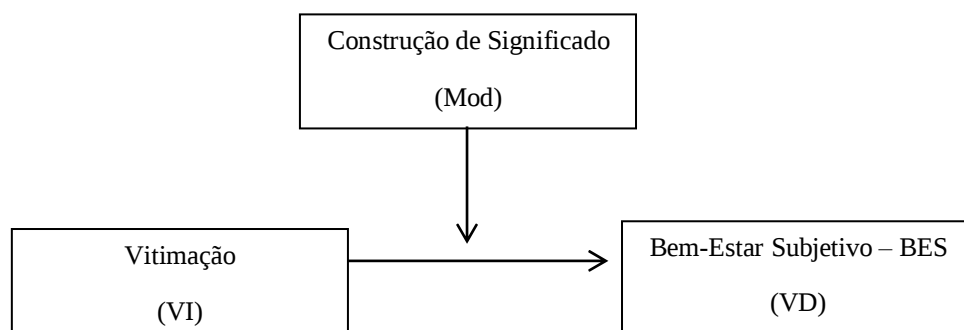
Além disso, a literatura aponta para a necessidade de uma abordagem que permita esclarecer o papel de alguns fatores que podem influenciar a relação entre vitimação e

bem-estar, sendo um destes fatores a construção de significado. Construir significado implica que o indivíduo possua recursos (e.g., visão clara e ampla relativamente aos seus valores, ao propósito e ao sentido de vida, às crenças e aos objetivos) que, por sua vez, possibilitem uma série de processos no sentido da ressignificação da experiência traumática (Park, 2010; Grych et al., 2015). A literatura recente aponta que é possível construir significado com efeitos a longo prazo e baseia seus processos em um modelo de construção de significado, proporcionando uma compreensão mais ampla sobre os respetivos processos (Park, 2010; Fitzke, 2021). No entanto, apesar do reconhecimento da importância e da abordagem concetual integradora do significado, poucos são os estudos que incluem e avaliam este construto. Nesta sequência, o objetivo geral deste estudo é testar o papel moderador dos recursos de construção de significado na relação entre a vitimação e o bem-estar subjetivo.

Apresentamos a seguir, o esquema do modelo de moderação para a associação das variáveis em estudo.

Figura 1

Esquema concetual do modelo de moderação para a associação das variáveis em estudo



Considerando a revisão de literatura efetuada sobre o tema, as hipóteses estabelecidas foram as seguintes:

H1: A experiência de vitimação está negativamente correlacionada com o bem-estar subjetivo;

H2: A construção de significado modera a relação entre a experiência de vitimação e o bem-estar subjetivo, esperando-se que o efeito da vitimação no bem-estar subjetivo seja menor na presença de mais recursos para a construção de significado.

Método

Participantes

A amostra deste estudo foi composta por 206 participantes, a maioria do sexo feminino (78.6%), com idades compreendidas entre os 18 e os 63 anos ($M=28.9$, $DP=10.26$). Tal como se apresenta na Tabela 1, a maioria dos participantes residia em áreas urbanas de Portugal (73.3%), preferencialmente do distrito de Braga (48,5 %), Porto (32.5%) e Aveiro (10.2%). Cerca de metade dos participantes (45.1%) mantinha uma relação de namoro e, maioritariamente, encontravam-se empregados a tempo inteiro (53.4%).

Tabela 1

Caracterização sociodemográfica da amostra

	M (DP; Min., Max.) / % (N)
Sexo	
Feminino	78.6(162)
Masculino	21.4(44)
Idade	28.91(10.26; 18, 63)
Distrito de residência	
Aveiro	10.2(21)
Braga	48.5(100)
Coimbra	.5(1)
Faro	.5(1)
Lisboa	5.3(11)
Porto	32.5(67)
Santarém	1.0(2)
Setúbal	1.5(3)
Natureza da área de residência	
Urbana	73.3(151)
Rural	26.7(55)
Estado civil / relacional	
Casado/a	16.5(34)
União de facto	11.2(23)
Separado/a ou divorciado/a	4.4(9)
Viúvo/a	.5(1)
Numa relação de namoro	45.1(93)
Sem relação de intimidade	22.3(46)
Condição escolar/profissional atual	
Empregado a tempo inteiro	53.4(110)
Empregado a part-time	4.9(10)
Desempregado/a	1.5(3)

Desempregado/a à procura de emprego	1.9(4)
Reformado	.5(1)
Estudante	37.9(78)

Nota. Os N's totais variam ligeiramente devido aos *Missing Values* e, por isso, são reportadas as percentagens válidas.

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico foi construído para efeitos deste estudo e, visa a recolha de informação sociodemográfica para caracterização dos participantes do estudo. Inclui questões sobre sexo, idade, distrito de residência, estado civil e habilitações literárias.

Vitimação (Juvenile Victimization Questionnaire -JVQ; Finkelhor et al., 2005, adaptado por Magalhães, 2008) – Trata-se de um instrumento de autorrelato, do tipo inventário comportamental, designado para recolher informação sobre eventuais experiências de vitimação interpessoal. É constituído por 21 itens, respondidos numa escala dicotómica, do tipo: *Sim* (1) / *Não* (0) e organizados em três subescalas: Vitimação por Pares & Comunidade (8 itens), Maus-Tratos pelo Cuidador (6 itens) e Exposição a Violência Doméstica (5 itens); o score global incluiu ainda mais dois itens, não relativos a nenhuma das três subescalas apresentadas. Considerando o valor de consistência interna para a subescala Maus-Tratos pelo Cuidador (.47), optou-se por trabalhar apenas com as restantes (Vitimação Por Pares & Comunidade e Exposição a Violência Doméstica), cujos valores de *Alfa Cronbach* se revelaram mais adequados: .71 e .87, respetivamente.

Bem-estar subjetivo (Satisfaction With Life Scale SWLS; Diener et al., 1985, adaptado por Simões, 1992). Trata-se de uma medida de autorrelato, unidimensional, amplamente utilizada para avaliação do bem-estar-subjetivo mediante critérios individuais e não por padrões estabelecidos por outro. É constituída por cinco itens, respondidos numa escala tipo likert de cinco pontos, desde *Discordo muito* (1) a *Concordo muito* (5). Os resultados possíveis oscilam entre um mínimo de 5 e um máximo de 25. Scores mais elevados representam maior satisfação com a vida. A consistência interna para este instrumento foi de .88.

Construção de significado (Meaning Making – Self-oriented- Banyard et al., 2013, traduzido por Magalhães et al., 2019). Trata-se de um instrumento que avalia como os indivíduos se envolvem em atividades que ajudam a si mesmos como uma forma de tornar suas próprias vidas significativas. É constituída de oito itens, respondidos numa escala tipo likert desde *Nada verdade sobre mim* (1) a *Maioritariamente verdade sobre mim* (4). O

valor da consistência interna obtida para esta amostra foi de .58. Ainda que este valor não seja ideal, é moderado e aceitável (Landis & Koch, 1977).

Procedimentos

Este estudo integra um projeto de investigação mais alargado, intitulado “Portfólio de resiliência: O papel de múltiplos fatores protetores na relação entre adversidade e saúde mental”, e realizado em parceria por investigadores da ULP, ISCTE-IUL e ICS-UL. O projeto foi submetido e aprovado pela Comissão de Ética do ISCTE, tendo também sido recolhidas as necessárias autorizações para a utilização dos instrumentos junto dos respetivos autores.

A recolha de dados realizou-se online, através da disponibilização do protocolo de instrumentos numa plataforma informática específica para o efeito (Qualtrics). O link para o respetivo preenchimento foi divulgado através de contactos institucionais (e.g., mailing list de instituições de Ensino Superior) e através de redes sociais (e.g., Facebook, instagram, etc). O consentimento informado foi apresentado na primeira página do protocolo e tornou-se obrigatória a seleção da opção de concordância com as condições do estudo para a prossecução na resposta ao mesmo. Na primeira página dos questionários foi também disponibilizado um email de contacto para o caso de os participantes pretenderem ter contacto com a equipa de investigação ou necessitassem de apoio na sequência da sua participação.

Após a recolha de dados, estes foram importados para uma base de dados e analisados através do software IBM SPSS Statistics, versão 27. Primeiramente, foi feita a análise descritiva das variáveis em análise e analisada a consistência interna das medidas selecionadas para a amostra recolhida, através do cálculo dos *Alfas de Cronbach*. Depois, de forma a testar as hipóteses apresentadas, recorreu-se a testes de associação (Hipótese 1) e a modelos de regressão linear (Hipótese 2). Neste último caso, foi utilizado o *Process* (uma macro disponível para o SPSS), por forma a testar o efeito moderador da variável construção de significado percebido na relação entre experiência de vitimação (VI) e bem-estar subjetivo (VD). Em todos os casos, considerou-se um nível de significância de .05.

É importante referir que para as análises de moderação utilizou-se o modelo 1 do *Process* (Hayes, 2017) e, conforme sugerido pelo autor, sem variáveis centralizadas. No total, foram testados quatro modelos de moderação: num primeiro momento, dois modelos para a amostra geral ($N=206$) e, posteriormente, dois modelos (os mesmos) para uma subamostra, constituída apenas por polivítimas ($N = 98$). Para esse efeito, foram definidos

e categorizados como polivítimas os participantes que reportaram cinco ou mais experiências de vitimação (cf., Finkelhor et al., 2005).

Resultados

Medidas Descritivas das Variáveis em Estudo

Apresentam-se na tabela 2 as medidas descritivas (*Média, Desvio-Padrão, Mínimo e Máximo*) das variáveis em estudo: vitimação (Vitimação por Pares & Comunidade [VIT_ParesComunidade] e Exposição a Violência Doméstica [VIT_ExposiçãoVD]), Bem-Estar-Subjetivo (BES) e Construção de Significado (CS).

Tabela 2

Medidas descritivas das variáveis em estudo: VIT, CS, BES

		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min.</i>	<i>Max</i>
VIT	VIT_ParesComunidade	3.42	2.20	.00	8.00
	VIT_ExposiçãoVD	.83	1.49	.00	5.00
BES		15.45	3.14	5.00	20.00
CS		18.55	3.90	8.00	28.00

Nota. VIT -vitimação, BES- bem-estar subjetivo, CS- construção de significado

Vitimação e BES: Análise de correlações

Os resultados revelaram uma associação negativamente significativa entre a experiência de Vitimação Por Pares & Comunidade e o BES ($r = -.21, p = .027$), assim como entre a Exposição a Violência Doméstica e o BES ($r = -.15, p = .003$); assim, níveis superiores de qualquer uma destas experiências de vitimação estavam associados a níveis inferiores de Bem-Estar Subjetivo.

Vitimação, Construção de significado e Bem-Estar Subjetivo: Testes de Moderação

Tal como se ilustra na tabela 3, relativa à amostra global ($N=206$), não foram identificados efeitos de moderação estatisticamente significativos da construção de significado na relação entre vitimação (Pares & Comunidade e Exposição à violência doméstica) e BES.

Tabela 3

Vitimação, BES e Construção de significado: Testes de moderação- Amostra Geral

		R ²	F (df ₁ , df ₂)	p	β	p
SWLS	JVQ_ParesComunidade				-.38	.43
	CS	.10	7.12 (3,200)	.000	.20	.05
	JVQ_ParesComunidade * CS				.01	.83
	JVQ_ExposiçãoVD				.69	.34
	CS	.11	8.32 (3,200)	.00	.24	.00
	JVQ_ExposiçãoVD * CS				-.06	.11

Por sua vez, e tal como apresentado na Tabela 4 relativa à subamostra de polivítimas (N=98), foi identificado um efeito de moderação estatisticamente significativo da Construção de Significado na relação entre Exposição a Violência Doméstica e BES.

Tabela 4

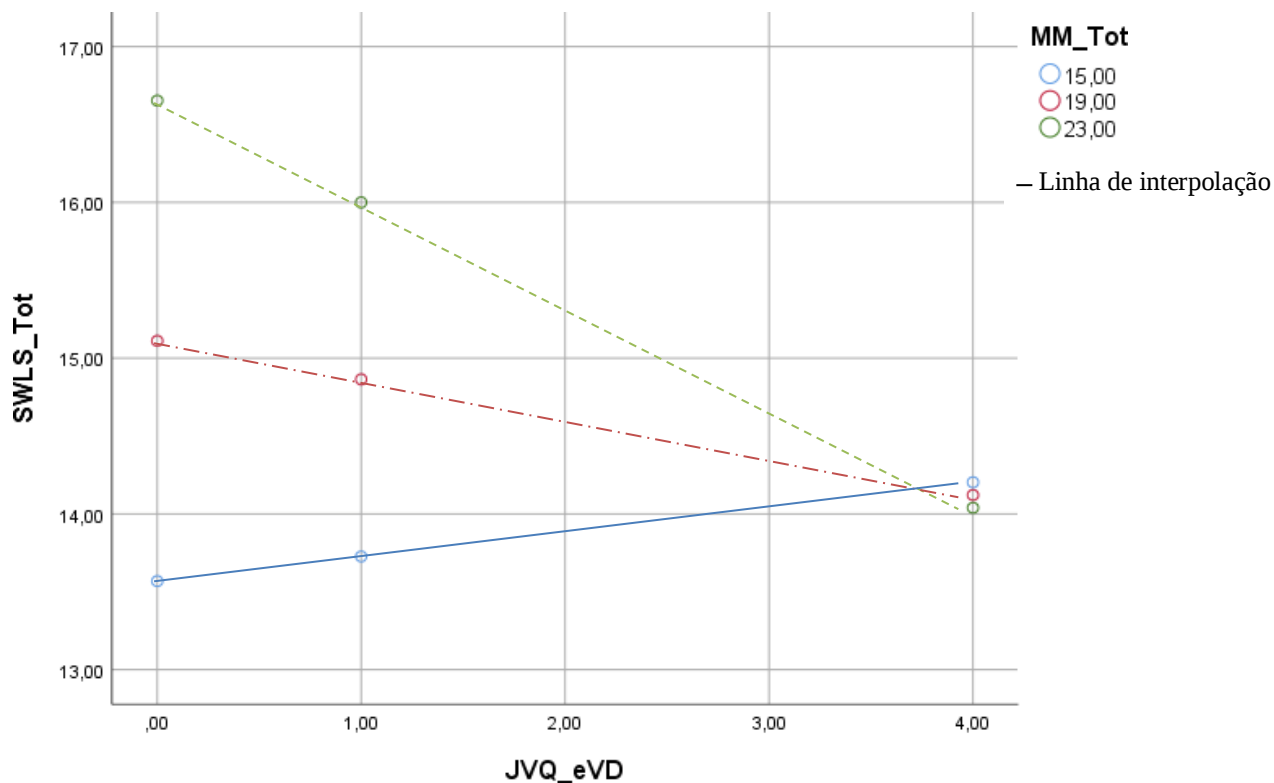
Vitimação, BES e Construção de significado: Testes de moderação- subamostras Polivitimação

		R ²	F (df ₁ , df ₂)	P	β	p
SWLS	JVQ_ParesComunidade				-1.00	.30
	MM	.09	3.25(3,93)	.03	.03	.93
	JVQ_ParesComunidade * MM				.05	.39
	JVQ_ExposiçãoVD				1.68	.07
	MM	.13	4.51(3,93)	.01	.39	.00
	JVQ_ExposiçãoVD * MM				-.10	.04

Especificamente, e tal como representado no gráfico 1, uma maior experiência de polivitimação está associada a maior BES na presença de mais recursos para a construção de significado.

Gráfico 1

Efeito Moderador da Construção de significado- Vitimação e Bem-estar subjetivo



Discussão

O presente estudo teve como objetivo principal analisar o papel moderador da construção de significado na relação entre vitimação juvenil e bem-estar subjetivo. Os resultados obtidos permitiram verificar que a experiência de vitimação estava associada a níveis inferiores de bem-estar subjetivo, confirmando a primeira hipótese formulada. Estes resultados são consistentes com a literatura que tem vindo a demonstrar que níveis mais elevados de vitimação estão associados a níveis mais baixos de bem-estar subjetivo. A investigação recente sobre vitimação e bem-estar subjetivo tem-se focado em determinados tipos de vitimações como *bullying* e suas variações. Este tipo de vitimação ocorrida (e.g., *bullying*) em crianças tende a apresentar níveis mais baixos de bem-estar subjetivo (Massarwi & Gross- Manos, 2022). Mais especificamente, estes estudos apontam que quanto maior o nível de *bullying* sofrido, envolvendo abuso físico ou exclusão social, menor o nível de bem-estar subjetivo. Evidências semelhantes foram encontradas na relação entre a vitimação por *bullying* e os níveis de bem-estar entre adolescentes. Os resultados destes estudos evidenciaram que, apesar do *bullying* tradicional ter evidenciado um maior impacto negativo na satisfação com a vida dos adolescentes, o *bullying* e o assédio sexual, quando sobrepostos, agravam estes níveis de bem-estar e satisfação com a vida (Oriol et al., 2021). Adicionalmente e na mesma linha, outros estudos revelaram o

poly-bullying (múltiplas formas de *bullying*) como o tipo de vitimação mais experienciada por adolescentes tardios, com resultados de piores níveis de bem-estar subjetivo (Víllora et al., 2020). Estes resultados vão de encontro a estudos anteriores (Mitchel et al., 2020) em que a vitimação e a polivitimação juvenil aludem a resultados que comprometem o Bem-estar. De forma análoga, a investigação sobre vitimação e bem-estar com adultos também evidencia impacto negativo no bem-estar subjetivo das vítimas. Numa revisão sistemática realizada com o objetivo de analisar a literatura sobre o bem-estar na vitimação adulta (e.g., *stalking*, *cybervitimação*, roubo/agressão, assédio sexual/racial, assédio moral, violência nas relações de intimidade), verificou-se que as experiências de vitimação impactaram negativamente na satisfação com a vida/qualidade de vida (Ferreira et al., 2020).

No que concerne a segunda hipótese, num primeiro momento, foram realizadas análises de moderação considerando a amostra geral, mas não foram obtidos efeitos significativos. Como supramencionado, a literatura neste domínio tem vindo a evidenciar que a vitimação na infância/adolescência tende a ocorrer de forma cumulativa e que a polivitimação é preditora de maior desajustamento psicológico (Finkelhor et al., 2011; Finkelhor, 2007). Tomando estes dados como referência, procedeu-se à realização das respetivas análises considerando apenas uma subamostra de polivítimas. Nesta segunda abordagem, foram obtidos resultados estatisticamente significativos, permitindo verificar o papel moderador da construção de significado na relação entre a exposição a violência doméstica e bem-estar subjetivo, atestando, assim o seu papel de proteção face a experiências de vitimação. Estes resultados corroboram os pressupostos do modelo de Construção de Significado de Park (1997; 2006; 2010) sobre a necessidade e os esforços dos indivíduos em encontrar explicações e significado, serem, particularmente, ativados nas experiências altamente traumáticas. No caso das polivítimas, os altos níveis de angústia e indicadores de maior desajustamento psicológico (Finkelhor et al., 2011), podem violar ou destruir as crenças e visões de mundo individuais, fazendo com que o indivíduo necessite compreender a experiência vivida (Park, 2013). Ou seja, tomando como referência o modelo de Construção de Significado, quando o indivíduo é alvo de um evento altamente *stressante*, os sistemas de orientação individual (significado global) e os sistemas de avaliação da situação *stressora* (significado situacional) confrontam-se originando uma discrepância que leva o indivíduo a sofrimento e angústia. É a partir de um alto nível de angústia que o indivíduo inicia os processos de redução da discrepância para atingir o ajustamento ao

trauma e a restauração de sentido. Este processo é, assim, mais facilmente ativado por níveis mais elevados de vitimação, que acarreta consequentemente, níveis mais elevados de desajustamento psicológico (Chan et al., 2021). Desse modo, a ressignificação ou reavaliação positiva destes eventos, quando bem-sucedida, auxilia o indivíduo a atingir o funcionamento positivo, apesar da vitimação experienciada. Um estudo recente realizado no âmbito da mesma equipa de investigação, sobre o papel moderador de suporte social na relação entre vitimação e crescimento pós-traumático, verificou, de forma análoga, que o efeito de moderação estava presente apenas na subamostra de polivítimas, sendo que estas apresentaram níveis superiores de crescimento pós-traumático (CPT) na condição de maior suporte social da família.

Apesar da escassa literatura, estes resultados vão de encontro a um estudo longitudinal recente que demonstra que os processos de construção de significado assumem um papel crucial ao longo da vida, permitindo a ressignificação das experiências de vitimação, ajudando a amenizar o sofrimento e a reforçar o bem-estar. (Fitzke et al., 2021).

Apesar das contribuições do presente estudo, são de considerar algumas limitações. Por um lado, a homogeneidade da amostra impossibilita a generalização dos resultados. Portanto, é importante que, em estudos futuros, as estratégias de divulgação sejam diversificadas para que a recolha de dados seja levada a cabo com uma amostra maior e mais diversificada que permita dar uma maior sustentabilidade às medidas. Por outro lado, a recolha de dados *online* e transversal impossibilitou qualquer tipo de esclarecimento ou questões que pudessem surgir durante o preenchimento dos questionários, sendo que neste estudo poderia assumir-se como uma questão particularmente relevante na medida em que se explora experiências de vitimação.

Além disso, no que concerne às medidas utilizadas, coloca-se como limitação, o recurso a questionários de autorrelato, visto que pode acarretar a desejabilidade social ou o aumento da possibilidade de dificuldades mnésicas. Adicionalmente, as respostas dos participantes, na fase adulta, tiveram cunho retrospectivo, ou seja, foram baseadas em eventos de vitimação ocorridos na infância/adolescência, podendo ter suscitado dificuldades na evocação destes episódios e influenciar nos resultados. No que se refere a construção de significado, o instrumento avalia a existência de recursos para a construção de significado, não nos permitindo aceder aos processos de construção de significado. Estes processos envolvem aspetos cognitivos e emocionais que não foram considerados e, neste sentido, para uma melhor compreensão, é importante repensar, para estudos futuros,

uma medida mais integradora que inclua os processos de construção de significado como um todo.

Pese embora as limitações, este estudo traz importantes contributos. A construção de significado já foi analisada em outros contextos, mas não no contexto restrito da violência. Assim, este trabalho restringe ao estudo específico de vitimação, com resultados mais específicos para polivitimação, chamando a atenção para uma melhor concetualização destes fenómenos para a investigação. Concomitantemente, contribuiu para uma maior compreensão do impacto da vitimação no bem-estar subjetivo, dando consistência ao impacto negativo destas experiências na saúde.

Importa, ainda considerar algumas implicações para a prática neste domínio. Os resultados do presente estudo sugerem que é imprescindível que os profissionais da área da saúde mental invistam na realização de programas e na utilização de abordagens que promovam aspetos de funcionamento positivo e do bem-estar dos indivíduos, em vez de uma abordagem essencialmente remediativa. Destaca-se ainda considerar o papel da construção de significado nas intervenções psicológicas, visto que a significação e a resignificação que o indivíduo faz sobre as suas experiências tem um papel importante nas trajetórias de impacto auxiliando no ajustamento e funcionamento positivos das vítimas.

Atendendo a que a polivitimação juvenil é um fenómeno frequente, é importante salientar a necessidade de uma melhor compreensão e preparação, por parte dos profissionais da área da saúde mental, no que se refere a identificação do fenómeno polivitimação e considerar esta dimensão na avaliação e intervenção com crianças/adolescentes vítimas.

Referências Bibliográficas

- Andreou, E., Roussi-Vergou, C., Didaskalou, E., & Skrzypiec, G. (2020). School bullying, subjective well-being, and resilience. *Psychology in the Schools*, 57(8), 1193-1207. <https://doi: 10.1002/pits.22409>
- Banyard, V., Hamby, S., Grych, J. (2013). Meaning Making Practices Scale. Sewanee, TN: *Life Paths Research Program*.10, 24-32. <https://doi.org/10.13140/RG.2.1.1057.2967>
- Baumeister, R. F. (1991). *Meanings of life*. Guilford press.
- Cater, Å. K., Andershed, A. K., & Andershed, H. (2014). Youth victimization in Sweden: prevalence, characteristics and relation to mental health and behavioral problems in young adulthood. *Child abuse & neglect*, 38(8), 1290-1302. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2014.03.002>
- Chan, K. L., Chen, Q., & Chen, M. (2021). Prevalence and correlates of the co-occurrence of family violence: A meta-analysis on family polyvictimization. *Trauma, Violence, & Abuse*, 22(2), 289-305. <https://doi.org/10.1177/1524838019841601>
- Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens (CNPDPJ) (2022). Relatório Anual de Avaliação da Atividade das CPCJ 2021. <https://www.cnpdpj.gov.pt/relatorio-atividades>.
- Dahlberg, L. L., & Krug, E. G. (2006). Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11, 1163-1178. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232006000500007>
- Diener, Emmons, Larsen & Grifins, 1985, adaptado para pop. Portuguesa por Simões. A. (1992). Ulterior validação de uma Escala de Satisfação com a Vida (SWLS). *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano XXVI. 3.503-515.
- Emmons, R. A. (2003). Personal goals, life meaning, and virtue: Wellsprings of a positive life. In C. L. M. Keyes & J. Haidt (Eds.), *Flourishing: Positive psychology and the life well-lived* (pp. 105–128). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/10594-005>
- Ferreira, C., Magalhães, E., Antunes, C., & Camilo, C. (2020). Victimization experiences and well-being in adulthood: a systematic review and meta-analysis. *Violence and victims*, 35(6), 783-814. <https://10.1891/VV-D-19-00026>

- Finkelhor, D., Hamby, S. L., Ormrod, R., & Turner, H. (2005). The juvenile victimization questionnaire: reliability, validity, and national norms. *Child Abuse & Neglect*, 29(4), 383-412. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2004.11.001>
- Finkelhor, D., Ormrod, R. K., Turner, H. A., & Hamby, S. L. (2005). Measuring poly-victimization using the juvenile victimization questionnaire. *Child Abuse & Neglect*, 29(11), 1297-1312. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2005.06.005>
- Finkelhor, D., Ormrod, R., & Turner, H. (2007). Poly-victimization: A neglected component in child victimization. *Child Abuse & Neglect*, 31, 7-26. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2006.06.008>
- Finkelhor, D., Ormrod, R., Turner, H., & Holt, M. (2009). Pathways to poly-victimization. *Child Maltreatment*, 14(4), 316-329. <https://doi.org/10.1177/1077559509347012>
- Finkelhor, D., Turner, H., Hamby, S. L., & Ormrod, R. (2011). Polyvictimization: Children's Exposure to Multiple Types of Violence, Crime and Abuse. *National survey of children's exposure to violence*.
- Fitzke, R. E., Marsh, D. R., & Prince, M. A. (2021). A longitudinal investigation of the meaning-making model in midlife adults who have experienced trauma. *Journal of Clinical Psychology*, 1-16. <https://doi.org/10.1002/jclp.23272>
- Grych, J., Hamby, S., & Banyard, V. (2015). The resilience portfolio model: Understanding healthy adaptation in victims of violence. *Psychology of Violence*, 5(4), 343-354. <https://doi.org/10.1037/a0039671>
- Haahr-Pedersen, I., Ershadi, A. E., Hyland, P., Hansen, M., Perera, C., Sheaf, G., ... & Vallières, F. (2020). Polyvictimization and psychopathology among children and adolescents: A systematic review of studies using the Juvenile Victimization Questionnaire. *Child Abuse & Neglect*, 107, 104589. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2020.104589>
- Hamby, S., Grych, J., & Banyard, V. (2018). Resilience portfolios and poly-strengths: Identifying protective factors associated with thriving after adversity. *Psychology of Violence*, 8(2), 172-183. <https://doi.org/10.1037/vio0000135>
- Hayes, A. F. (2017). Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: a regression-based approach (2nd ed.). Guilford Press.
- Hill, P. L., & Turiano, N. A. (2014). Purpose in life as a predictor of mortality across adulthood. *Psychological science*, 25(7), 1482-1486. <https://doi.org/10.1177/0956797614531799>

- Hillis, S., Mercy, J., Amobi, A., & Kress, H. (2016). Global prevalence of past-year violence against children: a systematic review and minimum estimates. *Pediatrics*, 137(3).
- Howell, K. H., Coffey, J. K., Fosco, G. M., Kracke, K., Nelson, S. K., Rothman, E. F., & Grych, J. H. (2016). Seven reasons to invest in well-being. *Psychology of Violence*, 6(1), 8-14. <https://doi.org/10.1037/vio0000019>
- Hu, B. (2021). Is bullying victimization in childhood associated with mental health in old age. *The Journals of Gerontology: Series B*, 76(1), 161-172. <https://doi.org/10.1093/geronb/gbz115>
- Janoff-Bulman, R. (1989) Assumptive worlds and the stress of traumatic events: Applications of the schema construct. *Social Cognition*, 7(2) 113-136. <https://doi.org/10.1521/soco.1989.7.2.113>.
- Landis, J.R., Koch, G.G. (1977). The measurement of observer agreement for categorical data. *Biometrics*. 33:159.
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. Springer publishing company.
- Lepore, J. S, Greenberg, M.A. (2002) Mending Broken Hearts: effects of expressive writing on mood, cognitive processing, social adjustment and health following a relationship breakup. *Psychology and Health*, 17:5, 547-560. <https://doi.org/10.1080/08870440290025768>
- Littleton, H. L., Magee, K. T., & Axsom, D. (2007). A Meta-Analysis of Self-Attributions Following Three Types of Trauma: Sexual Victimization, Illness, and Injury 1. *Journal of Applied Social Psychology*, 37(3), 515-538.
- Lyubomirsky, S., & Layous, K. (2013). How do simple positive activities increase well-being? *Current Directions in Psychological Science*, 22, 57– 62. <http://dx.doi.org/10.1177/0963721412469809>
- Lyubomirsky, S., King, L., & Diener, E. (2005). The benefits of frequent positive affect: Does happiness lead to success? *Psychological bulletin*, 131(6), 803. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.131.6.803>
- Massarwi, A. A., & Gross-Manos, D. (2022). The association between bullying victimization and subjective well-being among children: does the role of child religiosity matter? *International journal of environmental research and public health*, 19(15), 9644. <https://doi.org/10.3390/ijerph19159644>

- Mitchell, K. J., Moschella, E. A., Hamby, S., & Banyard, V. (2020). Developmental stage of onset, poly-victimization, and persistence of childhood victimization: Impact on adult well-being in a rural community-based study. *Child maltreatment*, 25(1), 20-31. <https://doi.org/10.1177/1077559519859080>
- Oriol, X., Miranda, R., & Amutio, A. (2021). Correlates of bullying victimization and sexual harassment: Implications for life satisfaction in late adolescents. *The Journal of School Nursing*, 37(3), 202-208. <https://doi.org/10.1177/1059840519863845>
- Park, C. L (2010) Making Sense of the Meaning Literature: An Integrative Review of Meaning Making and Its Effects on Adjustment to Stressful Life Events. *Psychological Bulletin*. 136 (2), 257-301. <https://10.1037/a0018301>
- Park, C. L. (2013). Trauma and Meaning Making: Converging Conceptualizations and Emerging Evidence. In J.A. Hicks & C. Routledge (eds.), *The Experience of Meaning in Life: Classical. Perspectives, Emerging Themes, and Controversies*. [https:// 10.1007/978-94-007-6527-6_5](https://10.1007/978-94-007-6527-6_5)
- Park, C. L., & Ai, A.L. (2006). Meaning making and growth: New directions for research on survivors of trauma. *Journal of Loss and Trauma*, 11, 389-407. <https://10.1080/153250206006885295>
- Park, C. L., Riley, K. E., & Snyder, L. B. (2012). Meaning making coping, making sense, and post-traumatic growth following the 9/11 terrorist attacks. *The Journal of Positive Psychology*, 7(3), 198-207. <http://dx.doi.org/10.1080/17439760.2012.671347>
- RASI (2021). Relatório Anual de Segurança Interna. <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc23/comunicacao/documento?i=relatorio-anual-de-seguranca-interna-2021>. Portugal.
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2001). On Happiness and Human Potentials: A Review of Research on Hedonic and Eudaimonic Well-Being. *Annual Review of psychology*, 52(1), 141–166. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.52.1.141>
- Ryff C. D. (1995). Psychological well-being in adult life. *Current Directions in psychological science*, 4(4), 99-104. <https://doi.org/10.1111/1467-8721.ep10772395>
- Seligman, M. E., & Csikszentmihalyi, M. (2014). Positive psychology: an introduction. In *Flow and the foundations of positive psychology*. Netherlands: Springer, 279-298. https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-94-017-9088-8_18

Sistema de Segurança Interna (2021). Relatório Anual de Segurança Interna 2021.

<https://www.portugal.gov.pt/pt/gc23/comunicacao/documento?i=relatorio-anual-de-seguranca-interna-2021>

Tedeschi, R. G., & Calhoun, L. G. (1996). The posttraumatic growth inventory: Measuring the positive legacy of trauma. *Journal of Traumatic Stress*, 9, 455– 471.

<https://doi.org/10.1002/jts.2490090305>

Turner, H. A., Finkelhor, D., & Ormrod, R. (2006). The effect of lifetime victimization on the mental health of children and adolescents. *Social Science & Medicine*, 62, 13-

27. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2005.05.030>

Updegraff, J. A., Silver, R. C., & Holman, E. A. (2008). Searching for and finding meaning in collective trauma: Results from a national longitudinal study of the 9/11 terrorist attacks. *Journal of Personality and Social Psychology*, 95(3), 709–

722. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.95.3.709>

Víllora, B., Larrañaga, E., Yubero, S., Alfaro, A., & Navarro, R. (2020). Relations among poly-bullying victimization, subjective well-being and resilience in a sample of late adolescents. *International journal of environmental research and public health*, 17(2), 590.

<https://doi.org/10.3390/ijerph17020590>

WHO (2001). The World Health Report 2001: *Mental health – New understanding, new hope*. Geneva: World Health Organization.

WHO (2022). The World Mental Health report: *Transforming mental health for all*.

<https://www.who.int/publications/i/item/9789240049338>

Zeligman, M., Grossman, L., & Tanzosh, A. (2019). Posttraumatic Growth in Trauma Survivors: Meaning Making and Locus of Control. *Journal of Counselor Practice*, 10(2), 1-21.

<https://doi.org/10.22229/ptg1022019>